

CRÍTICA / TEATRO / TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Coração de pai não se engana

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A comédia “Toda Donzela Tem um Pai que É uma Fera”, escrita por Gláucio Gill em 1962, foi além de ser um retrato dos costumes de uma época que inaugurou uma mudança de costumes. Toda Donzela tem um pai que é uma fera virou bordão, uma piada particular, refrão de música... Ao mesmo tempo é um pequeno vaudeville, uma comédia de costumes, críticas sociais e entretenimento popular com enredos simples, muitas vezes envolvendo mal-entendidos e situações cômicas.

Ambientada em uma Copacabana, com prédios habitados por diferentes populações, solteiros, em sua maioria, que criava a mística de um local de encontros, notadamente sexuais. A direção de Débora Lamm que traz a sua experiência em comédia para ter uma

leitura atualizada, ainda que a época não seja definida, com a linguagem neutra e manter as características do gênero com muita habilidade.

O elenco brilha em cena, com destaque para Leticia Isnard, que interpreta a vizinha dos protagonistas e imprime à sua personagem uma energia contagiante, contribuindo significativamente para o ritmo cômico da peça. Lucas Sampaio, no papel do namorado, entrega uma performance autêntica, capturando as nuances de um jovem dividido entre o amor e as pressões externas. A química entre os atores é palpável, resultando em cenas envolventes e hilariantes.

Um elemento notável desta produção é o cenário concebido por Marieta Spada, que utiliza portas móveis de forma criativa e funcional. Essas portas não apenas delimitam os espaços cênicos, mas também simbolizam as barreiras e transições enfrentadas pelos personagens. A movimentação constante das por-



A comédia de Gláucio Gill ressurge com leitura atualizada

Dalton Valério/Divulgação

tas adiciona dinamismo às cenas, reforçando o clima de confusão e comédia de erros que permeia a narrativa.

A aguda crítica social do jovem autor que escreveu apenas esse texto, pois logo faleceu, transforma-se agora em reflexão, sobretudo em momentos de pautas morais, quando se escala em uma situação corrente – namorados morarem juntos - como algo a ser punido. E ganha a platéia ao mostrar um mo-

mento histórico relevante e pode compará-lo com o que conquistamos hoje.

SERVIÇO

TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº Copacabana)
Até 24/2, sábados e segundas (20h) e domingos (19h) | R\$ 5 e R\$ 2,50 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Cultura popular

Considerado o melhor Grupo Regional do país na 26ª edição do Prêmio da Música Brasileira (2025), as Ganhadeiras de Itapuã reforçam com música, dança e teatro a cultura tradicional num trabalho carregado de originalidade. O grupo está na Caixa Cultural neste sábado e domingo (22 e 23) em show marcado pela representatividade, beleza e história de suas ancestrais, antigas mulheres negras de ganho do período colonial, que viveram em Itapuã, na Bahia, até o final do século XIX. Grátis

Marina Domar/Divulgação

Thiago Gouvea/Divulgação



Experiência teatral

Últimas apresentações do espetáculo “Palavras”, solo da talentosa atriz Tuca Moraes, com direção de Luiz Fernando Lobo. Inspirado na obra de Clarice Lispector, o espetáculo convida o público a uma experiência teatral única, marcada pela força das palavras e das emoções em cena, potencializado pela interação entre atriz e diretor. Com um formato intimista e apenas 40 espectadores por sessão, a temporada termina neste sábado (22) no Armazém da Utopia. “Palavras” inaugurou a Sala Sérgio Britto antes de seguir para apresentações em Paris.



Divulgação



Folia do subconsciente

Nos palcos do CCBB, a programação pula fora da folia e diretamente para o subconsciente humano por meio de dois espetáculos. Em “O estrangeiro_reloaded” (foto), a obra-prima de Albert Camus ganha nova vida com a colaboração entre Vera Holtz (direção) e Guilherme Leme Garcia (atuação solo). Já em “Vienen por Mi”, Fabia Mirassos mistura manifesto, poesia e denúncia para perturbar o status quo e evidenciar a experiência travesti. Esta será a última oportunidade de conferir ambas as peças no CCBB Rio, que encerram suas temporadas no dia 2 de março.